

Durídia **“Perdoai as nossas dívidas”**

ESTADO DE SÃO PAULO
DIRCE TUTU QUADROS

* 8 AGO 1989



As grandes potências mundiais, notadamente os Estados Unidos, são confrontadas pela súplica dos países pobres e amigos que trouxeram dinheiro emprestado pesadamente, para depois gastá-lo desinteligentemente. E vivem os países endividados numa ciranda viciosa, onde novos empréstimos são utilizados para o pagamento dos velhos empréstimos, numa espiral sem fim, onde um solução negociada parece quase impossível.

O perdão de dívidas é um pecado, pelo menos na visão dos bancos internacionais, de onde vem a maior parte do dinheiro consumido pelos países do Terceiro Mundo. Perdão, prezados leitores, não é verbete do dicionário dos banqueiros...

A solução para o problema da dívida externa dos países pobres, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (como queiram), com certeza, é a diminuição da dívida. Isto é puro senso comum. Durante o governo do republicano Ronald Reagan, os Estados Unidos gastaram muito mais do que receberam e se tornaram o maior devedor do mundo. A dívida interna dos nossos primos ricos do Norte é algo de inacreditável. E daí a espera de uma alta brutal dos juros, o aumento subsequente dos custos de empréstimos para nós outros, com a ameaça do malogro das negociações e das possibilidades de benefícios aos devedores. O déficit do comércio norte-americano provoca o protecionismo exagerado, dificultando a exportação de mercadorias e produtos dos países endividados para aquele importante mercado.

No maldito FMI, uma impressionante dívida de US\$ 1 trilhão e 300 bilhões tem espalhado o sofrimento no Terceiro Mundo, enquanto em sua sede, em Washington, a insensibilidade dos executivos leva países à ruína e à instabilidade social.

Mas o que é esse FMI que nos atordoia, nos amedronta e nos revolta?

Não é, mas deveria ser uma cooperativa internacional com 151 só-

cios, ajudando e beneficiando tais países. No entanto, o Fundo Monetário Internacional tem um figurino único para todos os países em crise, aplicando a velha fórmula do arrocho salarial, criando desemprego, liberando os preços, violentando a soberania nacional, numa autêntica política de bomba de nêutrons, que só destrói seres humanos. Os países caem nas garras do FMI na exata proporção em que sua classe dirigente é incompetente e corrupta. Ou seja: qualquer semelhança com o Brasil não é mera coincidência.

Desde que foram fundados em 1944, já no ocaso da Segunda Guerra Mundial, o Banco Mundial, que é provedor de recursos para projetos, desfruta de muito melhor reputação que seu vizinho em Washington, o malsinado Fundo, que funciona como soturno Banco Central, aceitando depósitos e fazendo empréstimos leoninos aos países necessitados.

O Banco Mundial empresta para a construção de pontes, de estradas, de hospitais, de escolas, coisas elementares e que dizem diretamente ao bem-estar das populações carentes, enquanto o FMI semeia o descontentamento social, a confrontação política e a instabilidade institucional nos países que monitora, com cuidados de bedel e inequivoca arrogância.

Por que o fundo nos vigia, nos Progresso com apoquenta de tal forma? Porque estamos com déficits brutais, inaceitáveis, e

que podem ser debitados à alta artificial do câmbio, o que incentiva compras no Exterior.

Preços irrazoáveis de produtos internos e combustíveis, o que encoraja o consumo e desencoraja a exportação. Obras faraônicas (que tal a ferrovia do aço como exemplo?), que consomem um enorme capital, mas empregam pouca gente, durante muito pouco tempo, sem retorno financeiro ou social, além da corrupção que corre solta e grossa em todos os escalões, e do inchaço da máquina administrativa, com excesso de barnabés, califas e aspones, sugadores inveterados das burras do tesouro. E tudo isso se alimenta de empréstimos, mais empréstimos, novos empréstimos.

Países pobres como o Brasil têm

a tendência de jogar o peso da dívida externa nas costas dos mais pobres, os que têm, exatamente, menos condições de sofrer e suportar, já que não contam com respaldo político e são obrigados a apertar os cintos. Isso não está previsto na teoria econômica: o progresso com o sofrimento das camadas majoritárias da população.

O pagamento de nossa dívida é problema de longo prazo, mas o FMI tem a vocação do agiota, pensando a curto prazo, mais apropriado para os países ricos e industrializados — justamente os que não se aproximam do fundo. E essa vocação dessa cooperativa internacional injusta e insensível está obrigando os países subdesenvolvidos a negligenciar a educação, a saúde, a moradia, os transportes coletivos e outras necessidades básicas em nome da manutenção da produção competitiva, com salários congelados, aviltados às raias do desrespeito à dignidade humana.

Defende o FMI o cancelamento dos subsídios, que os seus economistas enxergam como responsáveis por déficits públicos, esquecendo-se, todavia, que esse instituto alimenta os pobres de tais países com o pão, a farinha de trigo, o leite, o milho etc. E o desemprego, nesses países, cresceu de forma estúpida, pela facilidade com que se altera a balança comercial, diminuindo importações, cortando investimentos e desestimulando o consumo interno.

Menos influência dos Estados Unidos no FMI, em suas diretrizes, em sua ação, em seu comportamento. Isso, certamente, poderá facilitar as coisas, deixando de atingir a soberania dos países endividados, que já mostram sinais de fadiga.

Fomos levados ao FMI por mãos daqui mesmo. Pela má gestão governamental, pela corrupção, pelo descaso e pela má-fé. Devemos US\$ 112 bilhões, amargamos uma inflação de três dígitos, e só não nos precipitamos no abismo porque já roubaram o abismo...

Resta um apelo ao bom senso dos primos ricos do Norte, e, quem sabe, uma oração a Santa Edwirges, a padroeira dos endividados: “Perdoai as nossas dívidas”...